



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

TEMAS FRATURANTES: O SUICÍDIO E O LUTO EM *O MEU AMIGO PINTOR*, DE LYGIA BOJUNGA

FRACTURING THEMES: SUICIDE AND MOURNING IN O MEU AMIGO PINTOR, BY LYGIA BOJUNGA

Jakeline Nascimento Sousa (UEG)¹

José Humberto R. dos Anjos (UFG)²

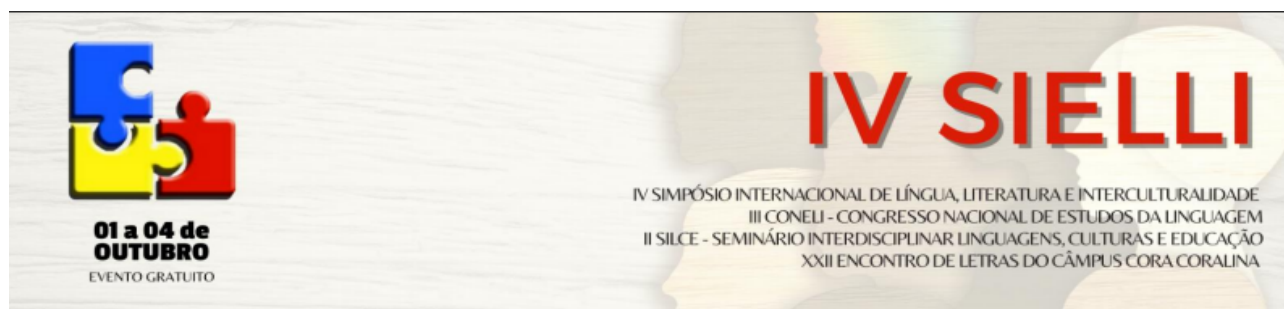
Resumo: O presente trabalho é o desdobramento de uma pesquisa que tem como objetivo apresentar os temas fraturantes, ou temas tabus, na literatura infanto-juvenil brasileira. Tem como categorias de análise, o suicídio e o luto representados no livro de Lygia Bojunga, *O meu Amigo Pintor* (1986), que retrata as indagações de um pré-adolescente, Cláudio, ao perder um amigo adulto que suicidou. Ao tratar o tema de modo direto, a narrativa de Bojunga perpassa assuntos rotulados como inapropriados para o público infanto-juvenil e mostra como família e sociedade os tratam com as crianças. Silenciamentos, omissões, e tentativas de enganar o personagem principal, marcam as estratégias textuais utilizadas pela autora para chamar a atenção do leitor e demarcar luto e suicídio como temas fundamentais para o desenvolvimento da consciência e da capacidade de ver e compreender o mundo. Como embasamento teórico ancoramos o estudo em Iguma (2023) e suas discussões sobre as figurações dos temas fraturantes na literatura infanto-juvenil; Freud (1917) para discutir a ideia de luto e melancolia, bem como em Candido (1972) e Zilberman (1991) que partem do princípio da literatura como forma de humanização das pessoas.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Suicídio. Luto.

Abstract: The present work is the unfolding of an ongoing research and aims to present the fracturing themes, or taboo themes, in Brazilian children's literature. Its categories of analysis are suicide and mourning represented in Lygia Bojunga's book, *O meu Amigo Pintor* (1986), which portrays the inquiries of a pre-adolescent, Cláudio, when he lost an adult friend who committed suicide. By dealing with the theme in a direct way, Bojunga's narrative goes through subjects labeled as inappropriate for children and young people and shows how family and society treat them with children. Silencing, omissions, and attempts to deceive the main character, mark the textual strategies used by the author to draw the reader's attention and demarcate grief and suicide as fundamental themes for the development of the consciousness and the ability to see and understand the world. As a theoretical basis, we anchored the study in Iguma (2023) and his discussions on the figurations of fracturing themes in children's literature; Freud (1917) to discuss the idea of mourning and

¹ Mestranda no POSLLI - Linha de pesquisa: Estudos literários e Interculturalidade. Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás, GO. sousajakeline16@gmail.com

² Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI. Coordenador da Esp. em Práticas Pedagógicas na Educação Básica - EPPEB. Docente do Curso de Pedagogia / UFG. Docente no POSLLI / UEG. Cidade de Goiás, GO. josehumberto2@ufg.com



melancholy, as well as in Candido (1972) and Zilberman (1991) who start from the principle of literature as a way of humanizing people.

Keywords: Children's literature. Suicide. Mourning.

INTRODUÇÃO

Lygia Bojunga é uma famosa escritora da literatura infanto-juvenil (LIJ) que aborda em sua obra sobre os temas fraturantes, comumente conhecidos como assuntos tabus na sociedade. Nesse sentido, Bojunga aponta em suas narrativas sobre temáticas referentes ao assédio sexual, prostituição, morte, suicídio, luto, entre tantos outros que afetam diretamente o público infanto-juvenil e com os quais o âmbito social não está apto a lidar.

Tem-se, ainda nessa perspectiva, “outras tantas que são silenciadas por serem consideradas apenas para adultos, ou complexas demais para serem compreendidas pelas crianças, tais como: o racismo, as homossexualidades, as deficiências, as doenças etc” (ANJOS, 2020, p. 5). Assim, é recorrente o discurso sobre o “perigo” que tais abordagens apresenta para os pequenos leitores em formação, o que, na perspectiva de Francisco e Gomes (2022), trata-se de um discurso equivocado, que apresenta controvérsias.

Com a falsa ideia de que algumas temáticas não devem ser abordadas, como violência, solidão, morte e luto, por exemplo, a maior parte dos mediadores de leitura acredita que irá poupar a criança ou até mesmo protegê-la do mundo. Assim, enquanto alguns temas são recorrentes na literatura infantil, outros são difíceis de serem encontrados nos livros para a infância. (Francisco, Gomes, 2022, p. 221, 222)

Dito isso, é viável ainda reforçar sobre a importância da obra de Bojunga também para o público adulto, visto que os mesmos têm dificuldades e apresentam certa resistência para tratar com as crianças sobre conteúdos rotulados pelo meio social como incongruentes para a pouca idade e experiência infantil. Em conformidade com Ribeiro (2023), “tanto adultos como crianças podem aproveitar muito dessa leitura por se tratar de uma obra que, dependendo do repertório do leitor, promove diferentes interpretações”.

Nessa conjuntura, Bojunga contribui significativamente para a quebra de paradigmas associados a tais assuntos uma vez que a escritora narra de forma direta mas delicada ao mesmo



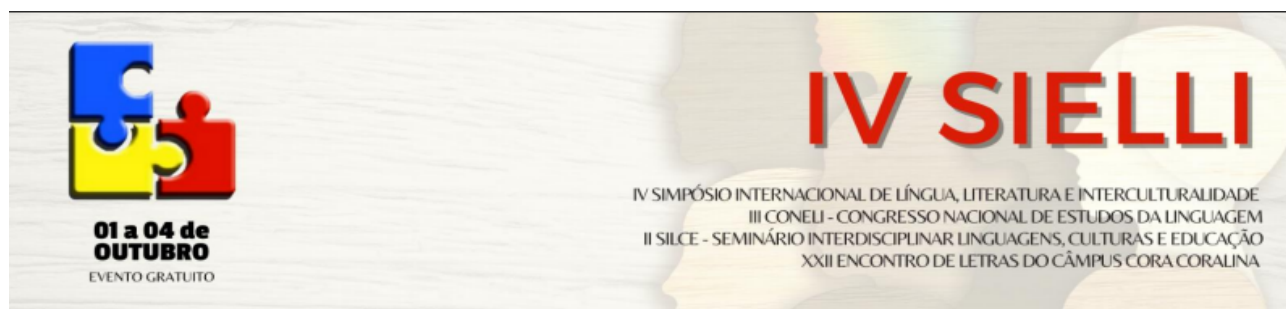
tempo sobre o suicídio e o luto em *O meu amigo pintor* (1986). Em harmonia com tal perspectiva, Martins e Ribeiro (2020) afirmam que “pensar e falar sobre a morte costuma ser, no mínimo, desconfortável”. Se tal situação é complexa para adultos, isso também pode ser facilmente aplicado ao público pueril, em virtude de o mesmo estar em uma espécie de constante proteção por parte dos adultos que buscam mantê-los absortos das realidades.

Não obstante, ousadia e rebeldia costumam ser marcas registradas da Arte. Ao lado dessa ousadia em tratar da morte em narrativas infantis e juvenis, a produção acadêmica sobre a tematização da morte também tem se dedicado a evidenciar que esconder das crianças e jovens o processo e os rituais ligados à morte é uma forma de subestimá-los, não de protegê-los; no esforço vão, ainda que bem-intencionado, de proteção da criança e do adolescente contra o sofrimento, a realidade é escondida ou disfarçada, e a perda, negada (Paiva 2011: 37). Esse processo pode gerar uma falta de simbolização, algo essencial para a experiência humana. (Martins, Ribeiro, 2020, p. 133)

Ainda se faz necessário abordar sobre a relevância da literatura na formação do indivíduo enquanto cidadão crítico, visto que a mesma, em conformidade com Zilberman (1991), é responsável por influenciar e contribuir com a formação do público infantil e possibilitar aos mesmos uma série de benefícios para ampará-los em seus percursos enquanto leitores. Ainda em analogia ao que a autora aborda, a literatura é crucial no sentido de buscar engendrar uma noção mais amplificada daquilo que é verídico e desconstruir o que ficcional, o que resulta em um bom desenvolvimento do sujeito enquanto cidadão leitor.

A literatura infantil adota natureza heterogênea, resultado da segmentação de seu público. Todavia, a diversidade não esconde uma base comum - cada pedaço do mosaico é pressuposto do outro, cada espécie de texto prepara para o seguinte, deflagrando a unidade que assegura a sobrevivência, mais imediatamente, do gênero, a longo prazo, da própria literatura como um todo e da leitura como atitude perante a realidade circundante. (Zilberman, 1991, p. 92)

Em conformidade com Candido (1972), a literatura “humaniza em sentido profundo porque faz viver” (Candido, 1972, p. 7), ou seja, a realidade é posta acima do que é ficcional, diferente dos prospectos da “pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa - o Verdadeiro, o Bom, o Belo -, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida” (Candido, 1972, p. 5). Tendo em vista a perspectiva de



Candido (1972), compreende-se que o verdadeiro sentido da literatura consiste nas vivências que propiciam conhecimentos de mundo necessários para o ser humano desde a infância.

Dado tais percepções acerca da literatura e dos temas fraturantes, prosseguir-se-á com as considerações acerca do luto e suicídio dentro da obra de Bojunga (1986), ao buscar expor como esses tabus são abordados na narrativa em relação ao protagonista Cláudio.

O PROCESSO DE LUTO DE CLÁUDIO

Em *O meu amigo pintor* (1986), Bojunga conta a história de um pré-adolescente denominado Cláudio que tem como um de seus melhores amigos um pintor morador do apartamento acima. Para Cláudio, era motivo de muita felicidade poder jogar gamão, observar as pinturas e conversar sobre a vida com o seu Amigo Pintor. Com base na narrativa do garoto, é possível observar que o pintor era uma pessoa solitária visto que as únicas pessoas mencionadas ao longo do texto são o próprio protagonista e o amor da vida do Amigo Pintor, Clarice, que o visitava vez ou outra.

Por meio das pinturas, ele expressava sentimentos e utilizava as cores como uma forma de descrevê-los para Cláudio. Antes do suicídio, ele presenteou o garoto com um álbum contendo alguns trabalhos que tinha feito para que o menino pudesse entender melhor sobre as cores. Para Cláudio, a amizade entre eles tinha grande importância. Em muitos de seus relatos no decorrer da narrativa, é possível visualizar o quão próximos eles eram.

Dado o exposto, a partida repentina causou uma grande confusão sentimental no menino que, além de não saber com clareza o que havia de fato acontecido, ainda começava a vivenciar o processo do luto. Numa perspectiva freudiana,

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas uma disposição patológica. É também digno de nota que nunca nos ocorre considerar o luto como estado patológico, nem encaminhá-lo para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal da vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo. (Freud, 1917, p. 28)



Assim, é notável o quanto Cláudio sofria, tanto pelo processo de luto quanto pela omissão da verdade. No trecho seguinte é perceptível tal sofrimento quando ele faz tantos questionamentos sobre a verdade.

Quer dizer então que a Dona Clarice tinha mentido pra mim (mas por quê?!) Então tinha sido mesmo uma morte de propósito. Mas por que?? E por que que quando é assim todo o mundo faz mistério? E fala baixo e fica até parecendo que suicídio é palavra feito palavrão: por quê?! (Bojunga, 1986, p. 21)

Ainda sobre o conceito de luto tem-se Freitas (2013) que aborda sobre as significações do mesmo e seus processos, por vezes lentos e tristes, ao afirmar que este “não é somente uma experiência dura e profunda de perda, mas também a evocação de nossa condição mortal, assim como da inevitabilidade e irreversibilidade da morte” (Freitas, 2013, p. 98).

Já depois de tanto tentar entender as motivações que levaram seu Amigo Pintor a cometer suicídio, Cláudio enfim compreende o processo que estava vivenciando e sozinho, passa pelo luto.

Agora, quando eu penso no meu Amigo (e eu continuo pensando tanto!) eu penso nele inteiro, quer dizer: cachimbo, tinta, por quê? gamão, flor que ele gostava, morte de propósito, por quê? relógio batendo, amarelo, por quê, blusão verde: tudo bem junto e misturado. E comecei a gostar de pensar assim. Acho até que se eu continuo gostando de cada porquê que aparece, eu acabo entendendo um por um. (Bojunga, 1986, p. 51)

Dessa maneira, consoante ao que Freitas (2013) diz, “o luto não termina com uma “resolução”, com a volta à vida que o sujeito vivia antes da perda, mas sim com a incorporação deste evento na vida do enlutado” (Freitas, 2013, p. 104). Nessa conjuntura, Cláudio, por fim, aceita que o seu amigo não vai voltar e, aos poucos, vai superando a ausência e as incompreensões que perpetuam o suicídio.

A ABORDAGEM DO SUICÍDIO NA SOCIEDADE

O suicídio é algo visto como abominável mediante ao âmbito social uma vez que se trata de ceifar a própria vida quando, na teoria, o único que tem o direito de o fazê-lo é Deus, segundo algumas linhas religiosas, por exemplo. Na obra de Bojunga, Cláudio descobre sobre o suicídio do amigo de forma bastante brusca por uma menina que também era vizinha. Assim, a menina faz



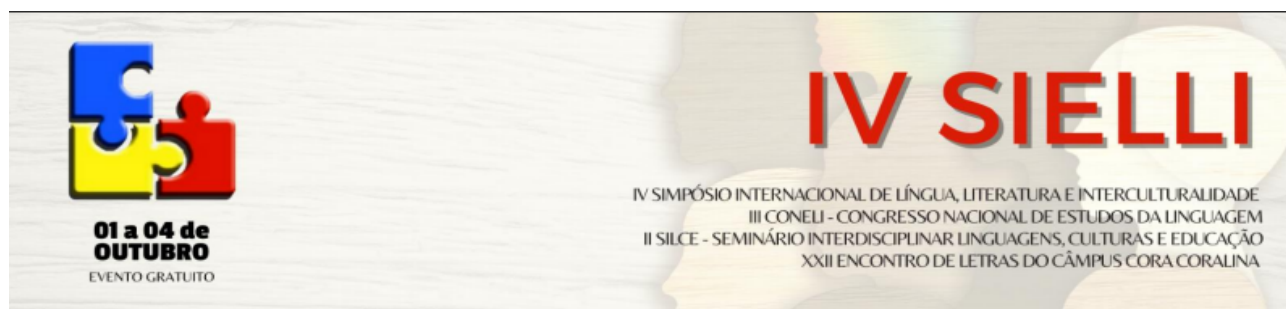
apontamentos que também são comuns na sociedade, tais como o discurso de que aquele que se mata vai pro inferno como se tal afirmação tivesse um embasamento consistente.

Uma garota que mora no térreo chegou perto de mim e falou:
- O teu Amigo Pintor foi pro inferno.
Levei um susto tão grande que a fala nem saiu logo. Ela disse:
-Ele se matou. E diz que quem se mata vai pro inferno.
A minha fala desempacou:
-Quem diz que ele se matou?
-Tá todo o mundo falando. Ele deixou uma carta explicando. (Bojunga, 1986, p. 13)

É evidente que, para Cláudio, tal descoberta foi assustadora e o deixou consternado, principalmente pelo fato de que todos esconderam a questão do suicídio dele, inclusive a família. Há também a Dona Clarice, amiga para quem o pintor deixou uma carta, que, ao se deparar com o questionamento de Cláudio, se vê sem palavras para respondê-lo e acaba omitindo a verdade, afirmando que “ele morreu que nem... que nem todo mundo um dia morre.” (Bojunga, 1986, p. 14). Ao se deparar com o questionamento de uma criança, Clarice se viu em uma situação difícil e optou por omitir a verdade de Cláudio pois, para ela, seria mais cômodo mentir do que explicar sobre o suicídio.

Nesse mesmo segmento, pode-se analisar também o momento em que o síndico do prédio vai até o apartamento de Cláudio para conversar com os pais dele sobre o acontecido e o garoto se esconde para ouvir a conversa deles a fim de compreender mais sobre o que realmente havia acontecido com seu querido amigo. Nessa ocasião, nota-se que, novamente, os adultos tentam omitir o assunto de Cláudio na tentativa de poupá-lo das especulações. Tal tentativa é visível quando o menino diz que precisou “abrir a porta pra escutar o meu pai: ele estava falando de suicídio, e cada vez que ele e a minha mãe falam nisso eles baixam a voz” (Bojunga, 1986, p. 19). Novamente, assim como Clarice, os pais do menino evitavam até mesmo proferir a palavra suicídio em voz alta com receio de que ele escutasse e fosse questioná-los sobre o assunto.

Tais atitudes de recuo e ocultação sobre temas fraturantes como o suicídio são comuns na sociedade já que a família quer tentar excluir a criança dessa realidade ora para protegê-la dos sentimentos que isso poderá acarretar, ora para evitar que a mesma sinta o desejo de entender mais sobre ou até mesmo pelo receio de que a criança possa vir a cometer o mesmo ato.



Tem-se assim, o suicídio como um tema fraturante que perpassa a sociedade e se torna um grande tabu para as crianças e até mesmo para os adultos. Dessa maneira, pensar em suicídio torna-se algo complexo demais para direcionar às crianças, o que exemplifica ainda mais o silenciamento infantil e mostra o quanto a sociedade menospreza a capacidade de compressão e a necessidade que esse público tem de ser assistido quanto a esse e tantos outros temas que são comumente renunciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, por fim, que a literatura infanto juvenil é de suma relevância para abordagem de temas fraturantes tanto para o público infantil quanto para os adultos. Uma vez que a mesma é um poderoso instrumento de formação humana, esta deve ser utilizada para tais fins com o intuito de alcançar esses públicos com assuntos que abordem a realidade e contribuam com o engajamento das crianças na sociedade.

É importante ressaltar também sobre a criança e os silenciamentos que a mesma sofre ao longo de sua infância, o que traz grandes consternações referentes à capacidade de compreensão que a mesma tem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

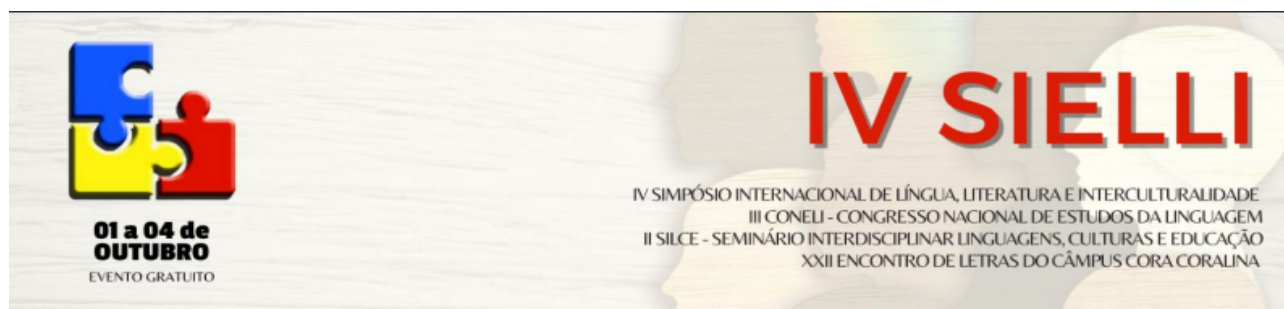
ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **Dois pais também são família**: a homoparentalidade na literatura infantil. Universidade Federal de Goiás, 2020.

BOJUNGA, Lygia. **O meu amigo pintor**. 22.^a ed. Rio de Janeiro: Editora Casa Lygia Bojunga, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Palestra.

FREITAS, J. de L. **Luto e Fenomenologia**: uma Proposta Compreensiva. Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies, XIX(1), 97-105. 2013.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915]/1974.



GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilliân Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de. **Espiar pra dentro: um diálogo por meio dos temas fraturantes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022.

RIBEIRO, Carmina Monteiro. MARTINS, Milena Ribeiro. **Luto infantil e o processo de ressignificação da vida: a trajetória de Maria em Corda bamba**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, vol. 39, dez. 2020, pp. 131-142. ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terroroxa/>

RIBEIRO, Carmina Monteiro. **Realismo e Fantasia no Tratamento de Temas Fraturantes em Sapato de Salto e Corda Bamba, de Lygia Bojunga**. /Carmina Monteiro Ribeiro. - Curitiba, 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.